

## *Analistas de “O alienista”*

Letícia Malard | UFMG

*Resumo:* Comentários sobre a leitura de dez críticos de “O alienista”, cobrindo diferentes décadas, para mostrar como essas leituras estão relacionadas com o contexto político ou cultural desses críticos.

*Palavras-chave:* loucura, medicina, leitura.

Desde sua publicação, em 1882, a obra-prima do conto machadiano – “O alienista” – tem suscitado nos leitores comuns e especializados impressões e leituras as mais diversas, que vão do ingênuo riso à hermenêutica científica dos labirintos da loucura. Sílvio Romero, um dos primeiros críticos profissionais de Machado – e numa ótica corajosamente demolidora – escrevia, cerca de cinco anos após a publicação do conto, que Machado “é menor, quando se mete a filósofo pessimista e a *humorista engraçado*”. (Romero, 1960: 1520). (Grifo meu) O fragmento grifado pode ser uma discreta alusão ao

conto, realmente dos mais cômicos do escritor, se for lido apenas pela ótica das trapalhadas do médico e suas conseqüências. Depois dessa crítica, muita água passou por debaixo da ponte. Machado firmou-se cada vez mais como o maior escritor de seu tempo e praticamente ninguém seguiu as pegadas de Romero. E mais: juízos do tipo “maior” e “menor” desapareceram dos estudos literários e foram substituídos por outros parâmetros mais adequados à historiografia e à crítica literária. Intrigada com o comportamento desta última em relação ao conto, já no século XX – uma vez que quase nada se conhece sobre o que teria sido publicado em fins do XIX – bem como com as motivações desse comportamento, perscrutamos dez analistas que escreveram livros ou ensaios sobre Machado, com significativa chamada para esse conto, nas décadas de 30, 40, 70 e 80. O resultado da empreitada é o que se segue.

### 1. Década de 30

Três pesquisadores sobressaem nesse período: Augusto Meyer (1958:51-59), 1. ed. de 1935; Lúcia Miguel Pereira (1955:230-231), 1. ed. de 1936; e Viana Moog (1939:202-208). Para Meyer, o conto encobre a sátira mais feroz da obra do autor e aproxima-se do humorismo transcendental de Pirandello, humorismo que se confunde com a tragédia. A narrativa encena a própria atividade mental descobrindo o círculo vicioso de sua loucura de ser e parecer, e levando-a ao suicídio. Diz Lúcia Miguel Pereira que as forças morais eram para Machado elementos de irracionalidade que não cabiam dentro de nenhum sistema lógico. Se tudo é subjetivo, imprevisível e inverificável, a loucura pode ser a razão, e é, certamente, a felicidade. No fundo, Itaguaí é o mundo, e todos são loucos ou ajuizados, conforme o ponto de vista. Viana Moog vê no texto a maior inventiva já feita às convicções científicas do século XIX, nada mais corrosivo contra a ciência e contra a orgulhosa certeza da razão. O pretenso equilíbrio desta, Machado submete-o a provas bem duras e acabrunhadoras.

O denominador comum desses críticos é a leitura do conto em termos de sátira à razão e à ciência, a mais demolidora da obra de Machado. Sátira, porque razão e desrazão ocupam no conto posições vicárias e porque a ciência se revela incapaz de dar conta de seu objeto, ficando na dependência de pontos de vista subjetivos. Essa crítica de 30 é marcada por um relativismo

filosófico que aceita apenas valores em constante mutação, com certeza influenciada por Mário de Andrade, importante mentor não só da poesia, mas também da crítica literária de sua geração. Sobre a influência de Mário em Meyer, veja-se Carvalhal (1976: cap. I e II). Andrade (1958:108) escreveu a Manuel Bandeira sobre seus princípios estéticos fundados na relatividade da verdade humana, declarando que cada qual tem a sua verdade, e que as verdades dos homens podem ser verdadeiras ou mentirosas. Em "A escrava que não é Isaura" (Andrade, 1960:195-275), a tônica é a de que não existem Verdades sobre a terra: cada pessoa enxerga as coisas a seu modo para recriá-las numa realidade subjetiva e individual. O relativismo se espalha pelo acervo andradiano, a ponto de Tobias (1976:64) dizer que esse relativismo fizera com que Mário tivesse medo e complexo da Filosofia, herdando de séculos anteriores a idéia de que Arte e Filosofia, Arte e Ciência são incompatíveis e desarmonicas.

## 2. Década de 40

Aqui se destacam as análises de Barreto Filho (1947:146-148) e de Eugênio Gomes. (1949:34-37) Barreto afirma que existe uma incompatibilidade do humanismo machadiano com as concepções positivistas, e aquela, juntamente com o desdém de Machado pelo racionalismo científico e a sua doutrina da ditadura, produz a sátira de nosso apego a teorias importadas, dos nossos defeitos, de nossa imaturidade política que nos torna candidatos à tirania, sátira que estigmatiza o nosso gosto brasileiro pelas panacéias. Itaguaí é a sede de uma ditadura científica em miniatura. Eugênio Gomes aponta a influência do ensaio de Swift – *Um sério e útil esquema para fazer um hospital de insanos* (1733). Nota ainda o ultrapasado do autor inglês por Machado, sendo que este mistura e confunde, fazendo desaparecer os limites da razão e da loucura.

Os textos desses críticos caminham em duas direções, opostas só na aparência. Barreto Filho, um dos fundadores da revista espiritualista *Festa* (1927), junto com Tasso da Silveira, e também catedrático de Psicologia, encontra no conto machadiano uma reação do autor contra tudo aquilo que vem de fora e que aceitamos sem maiores reflexões. Nessa crítica perpassa o ideário do modernismo do chamado Grupo Festa, que criticava os importadores de vanguardas literárias e visões de mundo a elas subjacentes, inadaptadas e

inadaptáveis ao gosto e à índole do povo brasileiro. Referências às idéias do Grupo Festa encontram-se em Chiacchio, apud Martins. (1983:530)

É verdade que Tasso da Silveira, se se manteve fiel ao caráter espiritualista de *Festa*, bandeou, já na década de 60, para uma abertura ao mundo, pelo menos em matéria de estudos literários. Refiro-me a seu livro *Literatura comparada*, marcado basicamente pela descoberta de influências estrangeiras em autores nacionais. Nesta mesma linha situa-se Eugênio Gomes. Um dos pioneiros do comparativismo literário entre nós, em especial na busca de fontes, Gomes deu-se por satisfeito ao detectar o motivo da inspiração machadiana. De fato: segundo Massa (1961:223), Machado possuía em sua biblioteca os opúsculos humorísticos de Swift, em tradução francesa.

Não conheço textos que se enquadram nos critérios escolhidos, relativos às décadas de 50 e 60, o que não significa, é claro, sua inexistência. Passemos, então, aos anos 70.

### 3. Década de 70

Estudam “O alienista” José Carlos Garbuglio (1977:5-8), José Leme Lopes (1974:17-30) e Luiz Costa Lima. (1977:27-33) Garbuglio vê o autor descobrir dois lados da idéia de Ciência: a visão popular e seus preconceitos diante dela, e a deformação do homem que toma como verdadeiros os pressupostos científicos e, por isso, comete equívocos sem perceber o absurdo do que pretende. Ao abordar a linguagem do conto, o crítico analisa os diversos tipos de discurso das personagens e de conjuntos de personagens. Por meio da linguagem, é possível dividir o universo do conto em duas porções: o povo e o alienista. Segundo o crítico, a grande dificuldade do conto está justamente no fato de Machado “adequar ao seu estilo as duas parcelas humanas que o compõem”.

Essa leitura, das mais qualificadas, consegue clarear as necessárias articulações entre temática e trabalho com a palavra, bem como entre literatura e sociedade e, subjacentemente, questões políticas. Publicado em 1971, ano dos mais negros da última ditadura militar brasileira, o ensaio de Garbuglio constituiu-se em uma das poucas vozes isoladas da crítica que recusava o formalismo asséptico e infenso à essência do literário.

O psiquiatra Leme Lopes lê o texto machadiano como profissional. Diz que o escritor se interessa mais pela doença do que pelo médico, como a refletir sobre a própria epilepsia – conforme detectamos também no conto “Verba testamentária” (Malard, 1997: 36) – e sobre os medos que provoca no doente quanto à fragilidade do equilíbrio mental. Examina detalhadamente a nomenclatura das doenças e de doentes mentais presente no conto, especula sobre as informações psiquiátricas de que disporia Machado, analisa-as, bem como os métodos terapêuticos de Bacamarte. Passando à interpretação, concentra-se no vazio do final, na ilusão da loucura, na inexistência de outro louco que não seja o que cuida da própria loucura. Este e a sua ciência são fustigados com alta ironia, nascente de um grande desamparo e da vontade de ver mais bem tratada a destratada loucura. O famoso psiquiatra acaba por denunciar as formas incorretas do tratamento mental no mundo daquela década e a concorrência do curandeirismo.

O texto de Leme Lopes surge num momento em que Literatura e Psicanálise, irmanadas, passam à ordem do dia no Brasil, graças à influência das publicações, na França, na década de 60, dos trabalhos estruturalistas de Green, Laplanche, Pontalis, Mannoni e Foucault. Mas não é por aí que passa Lopes. Psiquiatra carioca dos mais acreditados, lê “O alienista” com a mesma assepsia com que trata o doente, aproveitando a oportunidade para mandar um recado aos psicanalistas sem formação médica e ironizar os milagres do divã. Aliás, este é um dos aspectos mais ressaltantes no escrito do psiquiatra, para quem o conto não passou de um caso clínico, e sem importância do ponto de vista do inconsciente.

Em 1974, Luiz Costa Lima faz uma bela leitura da narrativa, iniciando por levantar significações emprestadas à obra machadiana, não especificamente do texto em questão, ainda que, vez por outra, faça referências a opiniões sobre ele. Costa Lima vê o questionamento da loucura pelo método estrutural, em duas sub-estórias: a de Bacamarte e Evarista, em que a preocupação classificatória do cientista só enxerga a literalidade, como no caso de não comer carne de porco, e ser cego para o comer metafórico, de cuja falta a mulher se queixa. A segunda sub-estória é a de Bacamarte e o barbeiro, numa luta de figuras de retórica, esta funcionando como mediadora entre a ciência e o poder. Assim, o tema central do conto – o conceito de loucura – será apreendido na articulação de três variáveis: ciência, linguagem e poder. A ciência é legitimada pelo serviço que presta ao poder político. A loucura de Bacamarte é

a da ciência, que desconhece seus limites e articulações, limites que privilegiam uma lógica que, ao tornar abstrato o sensível, ignora a metáfora.

Continua o crítico: muito mais do que questionar as concepções modernas sobre a doença mental, a autonomia e a objetividade da ciência sobre nosso colonialismo interno, “O alienista” questiona a forma como a sociedade humana pensa a si mesma, ou seja, criando uma imagem de auto-identidade a partir do Outro. O Outro, de que precisamos para convertê-lo à nossa imagem ou nos convertermos à sua imagem, ou ainda, para excluí-lo como louco.

A análise de Costa Lima dá conta das condições artísticas, temáticas e políticas do conto, além de sua posição no conjunto da obra machadiana. Questionar a loucura e a ciência é questionar a identidade do sujeito em sua historicidade. Costa Lima atenta para um elemento importantíssimo no conto, ao evocar uma crônica de Machado, de 1896, quatorze anos após a publicação de “O alienista”, a propósito de uma fuga de loucos do hospital da Praia Vermelha. (Assis, 1938:191-198). Diz Machado temer não distinguir os sãos dos insanos, desconfiar de todos, e sugere ao leitor desconfiar de si mesmo. Superpondo a crônica ao conto, Lima pergunta qual a diferença entre o pensamento do escritor e o de sua personagem. A resposta é primorosa: Bacamarte tem a segurança que lhe confere a positividade da ciência, enquanto Machado sabe que esta é menos uma doença do que uma linguagem que a sociedade exclui.

Essa nos parece ser a chave do conto, ainda mais porque, em outros textos, como *Quincas Borba*, por exemplo, a loucura de Rubião oscila entre a linguagem – verbal e não-verbal – de um comportamento marcado pela interdição (amar a mulher do amigo) e a linguagem da fantasia do poder, do qual se sente excluído (o desejo de ser imperador). O problema da interdição, da exclusão e da fantasia nos remete a outra crônica de Machado, de 30 de agosto de 1896, quando ele retorna ao assunto da fuga dos doidos. Aí diz que só o fato de eles tramarem a fuga para a liberdade já é sintoma de algum juízo. Acrescenta que, naquele fim de século, era impossível distinguir um alienado de um ajuizado e, por isso, a solução seria uma lei que abolisse a alienação mental, e para segurança de toda a sociedade, pois todos estão sujeitos a ser trancafiados no hospício. (Assis, 1938: III, 272-273). O cronista antecipava de muito as teorias atuais sobre a insanidade mental, quando se fecham os hospitais psiquiátricos e se discutem conceitos de saúde mental relacionados à práxis social.

A questão do Hospício dos Alienados aparece em outras crônicas, escritas antes das citadas. Na de 2 de dezembro de 1894, debatia-se sobre qual

instituição deveria administrar o hospício. Machado pergunta a um doido e este responde com toda a lógica que, se o hospício foi levantado com o imposto sobre a vaidade (títulos nobiliários e loterias), e se Erasmo dizia que andar atrás de honrarias e fortuna é uma espécie de loucura mansa, o hospício deveria ser administrado pelos próprios doidos. (Assis, 1938: v. II, p.256-257). Em outra crônica, de 15 de setembro de 1895, abalado diante da captura de um negro alienado, Machado relaciona a loucura à criatividade e se coloca no lugar do louco, supondo que ele acreditasse ser o grão-duque da Toscana e agisse como tal. (Assis, 1938: v. II, p.470-476). A crônica se constrói com o escritor sob a pele do louco/grão-duque, num ensaio dos passeios do Rubião/Bonaparte. A nosso ver, Machado conclui que a exclusão social pode ser ultrapassada pela vivência na exclusão da fantasia – forma de consolação mítica marcada pela ideologia aplacadora das consciências. Diz Machado:

Que é para ele uma esteira, um cubículo e um guarda-coxins, um palácio e moças bonitas. Talvez o que presumo serem moças, palácio e coxins não passe de um guarda, uma esteira e um cubículo. (p. 476)

#### 4. Década de 80

Relevam-se os ensaios de Alfredo Bosi (1982:442-444) e Kátia Muricy. (1988:33-49). Bosi focaliza “O alienista” num conjunto de contos machadianos de teorias bizarras e paradoxais, reveladoras do sentido das relações sociais mais comuns e que atingem a estrutura profunda das instituições. O eixo da novela será o arbítrio do poder, do domínio exercido em nome de uma atividade considerada neutra – a ciência, a verdade – que proporciona *status* e muito dinheiro ao cientista.

A filósofa Muricy interpreta o conto como uma crítica corrosiva e bem-humorada aos mitos da ciência da época e uma alusão à intervenção dos médicos nas questões administrativas do Estado, num momento crítico de transformação das elites brasileiras. Assim, o conto serve de metáfora do equilíbrio precário da sociedade em vias de modernização, indecisa entre o velho e as inovações tidas como mais racionais. Muricy centra o seu ensaio no estágio de

conhecimento da psiquiatria no século XIX, suas influências no conto e na sociedade como um todo, a qual o conto metaforiza.

Tanto Bosi quanto Muricy insistem nas relações entre literatura e sociedade, operando um tipo de leitura que remete não somente ao contexto de época, como também acena para novas contextualizações na época atual. Essa leitura política, que comparece ainda tímida em Barreto Filho, em 1947, que se aprofunda em Costa Lima, em 76, e que se ramifica nos dias de hoje, tem as suas qualidades e os seus defeitos. Se, por um lado, o texto literário, tomado como metáfora de um fato, uma situação, um momento político, desaliena o trabalho crítico-analítico, por outro lado deixa-se à margem o processo de operacionalização da linguagem pelo escritor. E mais: escondem-se ou diluem-se, num contexto por demais amplo, a individualidade criadora do escritor e a sua visão de mundo pessoal na práxis cotidiana.

“O alienista” na década de 90 ficará como assunto de outro trabalho, ainda mais porque não fizemos a necessária pesquisa bibliográfica. Os textos sobre o conto têm pontos em comum, é verdade. A tarefa de cotejá-los e costurá-los, deixo-a por conta do leitor. Para o momento, diríamos que essa obra ímpar do acervo machadiano pode ser tudo o que dela se escreveu – do que aqui demos uma amostra – e muito mais. Conforme demonstramos em outro trabalho (Malard, 1997:33-37), pode estar relacionada com os documentos oficiais que Machado escreveu em benefício dos escravos – todos prisioneiros de alguma Casa Verde. Pode corresponder a sua vivência dos problemas sociais na burocracia ministerial. Pode vincular-se a sua epilepsia e aos dois anos de estafa, com férias em alguma Itaguaí. Pode remeter ao campeonato de xadrez de que participou, seus xeques e lances muito loucos. Pode relacionar-se com a temática de outros textos escritos na mesma época, textos que são companheiros da loucura, da morte das ilusões, da solidão do criar e das idéias fixas, textos, enfim, da “família das moscas teimosas”. Porque é esse tipo de idéias que fazem “os varões fortes e os doidos”, conforme falou Brás Cubas. E, que, principalmente, podem valorizar a história do indivíduo em suas lutas para fazer a história da coletividade, neste nosso tempo em que, perplexos, procuramos no particular aquilo que o social nos tem sistematicamente negado.

*Abstract: Comments about ten critics's readings of “O alienista”, in different decades, showing how these readings are related to the cultural or the political context of those critics.*

**Key words:** *madness, medicine, reading.*



Referências Bibliográficas

- Andrade, Mário de. A escrava que não é Isaura. In: *Obra imatura*. São Paulo: Martins, 1960.
- \_\_\_\_\_. *Cartas a Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Simões, 1958.
- Assis, Machado de. *A Semana*. v. 3. Rio de Janeiro: Jackson, 1938.
- Barreto Filho. *Introdução a Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir, 1947.
- Bosi, Alfredo. A máscara e a fenda. In: BOSI, Alfredo et al. *Machado de Assis: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1982.
- Carvalho, Tânia Franco. *O crítico à sombra da estante*. Porto Alegre: Globo, 1976.
- Garbuglio, José Carlos. Apresentação. In: ASSIS, Machado de. *O alienista*. São Paulo: Ática, 1977. p. 5-8.
- Gomes, Eugênio. *Espelho contra espelho: estudos e ensaios*. São Paulo: Instituto Progresso, 1949.
- Lopes José Leme. *A psiquiatria de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir, 1974.
- Lima, Luiz Costa. O palimpsesto de Itaguaí. *José*, Rio de Janeiro, n.3, p. 27-33, set. 1976. Republicado com modificações. In: *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p.253-265.
- Malard, Letícia. Micro-história de O alienista. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 33-37, abr. 1997.
- Martins, Wilson. *A crítica literária no Brasil*. v. 1. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- Massa, Jean-Michel. La bibliothèque de Machado de Assis. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 21-22, p. 195-238, mar.-jun. 1961.
- Meyer, Augusto. *Machado de Assis: 1935-1958*. Rio de Janeiro: São José, 1958.
- Moog, Viana. *Heróis da decadência: Petrónio, Cervantes, Machado de Assis*. Porto Alegre: Globo, 1939.
- Muricy, Kátia. *A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- Pereira, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.
- Romero, Sílvio. *História da literatura brasileira*, v. 5. 6 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.
- Tobias, José Antônio. *História das idéias estéticas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1967.

THEATRO

DE

*Off.*  
*Pantos.*

MACHADO DE ASSIS.

VOLUME I.

RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DO DIARIO DO RIO DE JANEIRO

34 RUA DO ROSARIO 81

1863.